

# COM QUE TIPO DE LETRA MANUSCRITA SE HÁ DE ALFABETIZAR?

Albino Trevisan \*

---

## RESUMO

Embora a escrita manual possa ter seus dias contados com o evento dos “laptops”, ainda é trabalho da escola ensiná-la. Trata-se de um cuidado necessário a fim de que a leitura daquilo que a pessoa escreve seja legível, portanto, passível de ser socializado. Defende-se que tal prática é facilitada quando a criança aprende a escrever a partir do formato “scripti”. Considera-se o seu uso vantajoso, pois, é através dele que o aluno adquire uma escrita de formato legível, somando-lhe rapidez no ato de escrever e apresentação de um visual de escrita isento de outros traços que o baralham. Desde que se saiba aproveitar o saber que a criança traz à escola a partir dos quatro anos, é possível ajudá-la a desenvolver tal habilidade. Ao chegar à escola, a criança de quatro a cinco anos, consegue comunicar-se pela fala e sabe garatujar. O escrever é posterior ao garatujar, porém já no período das garatuja a criança, livremente, dá traços em todas as direções, sem bloqueios, o que vem a justificar o uso do “scripti”. Os traçados das letras exigem a criação de hábitos facilitadores da rapidez ao escrever. A direção dos traçados da escrita é facilitada quando se seguem regras criadas para isso.

**Palavras-chave:** Escrita. Eficaz. Legível. Pragmático. Automatismo. Econômico.

Com que tipo de letra iniciar a alfabetização para que, com o menor esforço na condução da caneta, se obtenha o máximo de rendimento? Qual é o tipo de escrita, cujo formato esteja mais próximo da letra manuscrita inglesa e a letra impressa, e que exija um menor número de alterações desta, até que o aluno alcance sua completa alfabetização? Sabe-se que com os avanços da técnica,

---

\* Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PUCRS.

os *laptops* de bolso dentro de um tempo bastante breve estarão amplamente difundidos. Com isso é possível que a letra manuscrita (ou cursiva) tenha seus dias contados ou, ao menos, o universo dos que utilizam essa forma de escrever esteja bem reduzido. Que esse tempo venha o quanto antes para todos! Porém, por enquanto, as crianças ao se alfabetizarem necessitam passar pelo sacrifício de aprender a escrever e a lidar com algum tipo de escrita. Todavia, para iniciá-las no trabalho da letra manuscrita não se há de ter pressas. Montessori (1958) recomenda que, para isso se esteja atento aos *momentos sensitivos da criança* e que não force o botão de rosa a desabrochar, desrespeitando a ação da natureza. Existe um tempo para tudo.

Isso entendido, sabe-se que a responsabilidade de ensinar a criança a escrever com letra manuscrita ainda é função das escolas<sup>1</sup>. Assim sendo, enquanto isso for necessário, que formato de letra o professor irá adotar para iniciar as crianças na escrita, desde que entram na escola e durante todo o período da alfabetização, a fim de poupar-lhes esforços desnecessários e visando à eficácia?

Eu aconselharia: utilize-se letra tipo *escripti*<sup>2</sup> visto que ela possui um formato bem próximo da letra impressa e da letra cursiva inglesa. Hoje, todavia, há quem dê preferência ao formato de letra

denominado de caixa alta, tipo ABCD, por achá-lo mais simples e mais vantajoso. Tal escolha está bastante disseminada tanto nas práticas escolares, quanto pelas famílias, a ponto de os editores de livros sentirem-se na necessidade de utilizá-la na publicação de histórias infantis. Em geral, as escolas nem mais discutem se tal tipo de escolha é o mais acertado. Argumentam os partidários dessa opção que se deve partir desse formato de letra por ser um modelo de escrita menos exigente em seus traçados, envolvendo movimentos de dedos mais fáceis de serem conduzidos, favorecendo a tarefa da aprendizagem.

Sem querer polemizar com tal posição, eu avalio que, se é válida a justificativa de tais práticas pedagógicas, então, deveríamos acreditar também que a criança, quando chega à sala de aula da escola na educação infantil, não deve brincar de desenhar (ou garatujar), pois que isso supõe a utilização de uma dinâmica de traçados verticais, horizontais, oblíquos, circulares e para quantas direções ela (criança) sentir necessidade e vontade de riscar e fazer traços. Além do mais, observe-se que as crianças que se entregam a esse tipo de divertimento o fazem com alegria sem qualquer bloqueio psicológico. Por outra, hoje, abrindo um parêntesis, todos haverão de concordar que dar à

<sup>1</sup> Imagino que não irá demorar muito o tempo em que ensinar a escrever não será mais função das escolas, mas de cursinhos avulsos, dados fora da escola apenas para interessados que já aprenderam a ler.

<sup>2</sup> A letra *escripti* obedece a um formato que se aproxima do itálico. A vantagem de sua utilização é que ela possui um traçado próximo da letra cursiva (emendada) e da impressa nos jornais, revistas e livros. Ver APÊNDICE A. – TIPOS DE FONTES (SCRIPT).

criança o acesso ao computador para se alfabetizar poderia ser outra forma a ser optada<sup>3</sup>. Com isto os alunos poderiam ser dispensados do sacrifício de aprender a escrever manualmente. Na verdade, há tradições e modismos no ensino, que trazem mais desvantagens do que vantagens no campo da pragmática da agilidade da aprendizagem da escrita e da leitura. Às vezes, por falta de imaginação se deixa de fazer coisa diferente e melhor.

Partindo do princípio de que se tem o direito de examinar o caminho das práticas de ensino a serem adotadas, observe-se que: sempre e invariavelmente que se coloca em mãos de uma criança de educação infantil ou de qualquer um de seus diversos níveis de idade, dos dois aos seis anos, algum material escrevente e papel, ela prontamente se põe a fazer traços e escaravinhos nele. Desenhar, fazer garatujas é seu paraíso. Entregue a essa diversão, a criança não se pergunta sobre a direção que está dando aos traços que está desenhando sobre o papel. Dando asas à sua imaginação, passa a fazer traçados aleatoriamente, riscando em todas as direções. E observe-se que ela não se sente bloqueada pelo trabalho que está realizando. Até pelo contrário, adora ouvir histórias e, depois, passar a fazer desenhos sobre o que escutou. Segue unicamente a lei da necessidade de traçá-los a seu bel-prazer para realizar o que bem deseja. Alasdair Macintyre,

ao falar de histórias e narrativas para crianças, dá um alerta aos pedagogos, dizendo:

Prive-se as crianças das narrativas e elas ficarão desorientadas, tartamudas e angustiadas em suas ações e em suas palavras [...] A necessidade de relatos para uma criança é tão fundamental quanto a sua necessidade de comida e se manifesta do mesmo modo que a fome" (MACINTYRE, 1987, p. 266).

Para a criança ouvir e desenhar as histórias que ouviu, ao que percebe, constitui-se para ela uma verdadeira terapia, pois isso estaria respondendo a necessidades vitais suas. Seguir fazendo com prazer o que se tem em mente, quando se realiza algo em mira, eis uma das grandes leis da aprendizagem, lei que eficazmente abrange também a função da aprendizagem da leitura e da escrita.

Portanto, quando se introduz a criança no aprendizado das primeiras letras, ao ter ela que traçá-las sobre o papel, vale que se perceba diante de um desafio aprazível e interessante. Ninguém gosta de envolver-se em algum trabalho que aos próprios olhos não serve para nada e não lhe dá algum tipo de satisfação. O homem é um ser essencialmente pragmático e lúdico. Vem-lhe água à boca quando trabalha com prazer. Aqui vale lembrar o que Falkenbach (2002, p.71) relembra a respeito da aprendizagem infantil, corroborando

<sup>3</sup> Efetivamente é isto que, com uma equipe de pesquisadores da PUCRS, estou trabalhando na produção de um software no qual são introduzidos jogos pedagógicos próprios para serem utilizados por crianças em fase de alfabetização, orientados pelo professor. Aguardem!

com Vigotsky, quando escreve:

Tratar da aprendizagem infantil significa manter um vínculo estreito com a manifestação lúdica das crianças. O lúdico como comportamento próprio das crianças é sério e envolvente. O jogo infantil é sério. [...] O autor está concorde com a forma de pensar que a manifestação lúdica é a ferramenta pedagógica que alavanca o desenvolvimento e aprendizagem infantil <sup>4</sup>.

Fazer alguma tarefa somente porque o professor mandou, não sustenta por muito tempo a perseverança na ação de qualquer aluno. Todavia, desde que ele (aluno) entendeu a proposta como sendo desafiadora e intrigante, espontaneamente se colocará em ação e por tempo indefinido, fazendo apenas as pausas exigidas pela lei natural do *relax*. Na ação pedagógica cabe, portanto, levar em conta o princípio lançado por Ausebel (1978, p. 66): “O fator mais importante que influi na aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe”. No ensino, sempre saber utilizar o saber pregresso do aluno, é um outro ponto que mereceria todo um estudo e um capítulo à parte. No caso da aprendizagem da escrita implica ter suficiente atenção ao fato de que muitas crianças já têm conhecimento de alguns rudimentos de escrita. A maioria delas, aos cinco anos, chegando à escola sabe traçar o próprio nome escrito com letra de caixa-alta.

Bem entendidos os princípios pedagógicos apresentados acima, que, em última análise,

buscam fazer um bom ajuste entre o querer do professor e o querer do aluno, fazendo coincidir um com o outro, está-se entrando no mérito do grande segredo da tarefa pedagógica escolar, que vem a ser: saber transformar os desafios do ensino-aprendizagem num jogo interessante para todos os participantes (alunos, professor e pais). Permitir e facilitar a “dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1975, p. 89).

Portanto, na aprendizagem da leitura e da escrita se há de cuidar para que tudo se transforme num jogo divertido para todos, pois, guia-se também pelo princípio de que toda e qualquer aprendizagem efetiva traz prazer à inteligência da pessoa que aprende e abre-a para o verdadeiro letramento, conforme concepção de Soares (2005, p. 41-42).

No dizer de Zorzi (2006), a criança somente poderá ter interesse pelas letras depois que ela se apercebeu de que tais ou tais códigos servem para transportar ideias e conceitos. Assim sendo, é necessário que o trabalho da alfabetização lhe seja facilitado, pela mais acertada escolha do tipo de letra manuscrita que possibilite ao máximo a aproximação entre o que se está traçando sobre o papel e seus significados. Dado também que, de acordo com o pensamento do filósofo Paul Ricoeur (1996), a compreensão de algo somente pode dar-se efetivamente, quando há condições de tal fato poder passar a ser objeto de uma narração. E a

---

<sup>4</sup> O autor referido por Falkenbach (2002, p. 71), neste texto é Vigotsky.

narração somente pode dar-se, quando, de acordo com Arendt (1988), existe algum sentido que sirva para constituir seu enredo.

Após o acima exposto, enquanto a técnica dos *laptops* não tiver chegado a todas as escolas (e no bolso de todas as pessoas), partindo dos princípios anteriormente colocados, defende-se a ideia de que ao introduzir a criança na aprendizagem da escrita, seja utilizado o formato de letra *escripti* por percebê-lo mais vantajoso e mais de acordo com a realidade prática. Ele é o tipo de escrita que mais se aproxima do que se denomina de *letra impressa* e, ao mesmo tempo, está utilizando um formato mais aproximado da letra cursiva. Na realidade, enquanto a criança se alfabetiza, ao passar seu olhar nas revistas, jornais e outros livros, é com esse tipo de letra (ou bem próximo dela) que ela se depara. Ao lado dessa, há outras vantagens para o alfabetizando. São elas:

1. Suprime uma multiplicidade de estágios de aprendizagem, envolvendo a criança somente com um formato de letra quando escreve e quando aprende a ler, sem criar situações de dicotomias entre ambas;

2. Ao passar do *escripti* à escrita cursiva, o fará de forma natural, bastando para isso, deixar que a caneta deslize sobre o papel num ato contínuo que facilita a rapidez;

3. Com total conhecimento de causa e, ao na-

tural, consegue entender e perceber que, ao passar para o formato da letra cursiva, simplesmente trata-se de ser pragmático na ação de se servir da escrita;

4. Que os automatismos e hábitos de impulsionar a caneta podem ser adquiridos por ele (aluno) desde que é introduzido na arte de traçar grafados;

5. Os exercícios de caligrafia propriamente ditos podem ser iniciados desde que o aluno sabe ler;

6. Finalmente, em face de que na realidade cultural do momento, exista a tendência de dar preferência à letra do tipo caixa alta, os professores podem simultaneamente mostrar às crianças tal forma de escrever, explicando-lhes que também é utilizada, mas, ao ensinar-lhes a escrever, sempre o façam utilizando o tipo *escripti* até que estejam alfabetizadas.

Os mais de dez anos em que fui alfabetizador me comprovaram que a utilização da letra tipo *escripti* é altamente vantajosa para o resto da vida do aluno que assim é iniciado. E, além disso, até que a criança esteja de posse da denominada letra cursiva ou inglesa (caso se queira adotá-la)<sup>5</sup>, é importante ter presentes outros cuidados. Em especial:

1. É muito útil conscientizar a criança de que os movimentos dos traçados das letras devem obedecer a impulsos naturais corretos, pois eles envolvem rapidez ao escrever;

2. Toda letra cujo traçado comporta movimentos

<sup>5</sup> Como foi explicado, caso se queira adotar a forma *escripti*, visto que, na atualidade, é muito comum a ideia de que se deixe a cada um escrever com o tipo de letra que bem entender desde que haja legibilidade. Pessoalmente, não posso concordar muito com tal ponto de vista, dado que, na prática, por vezes, torna-se impossível ler certos textos que aparecem. Eu sou da opinião que certa padronização se faz necessária. Na realidade o professor pode conseguir habituar-se a ler a letra de cada um de seus alunos, mas esta deve ser legível para qualquer pessoa.

circulares, ao escrevê-la, no seu primeiro impulso, a mão deve movimentar a pena sempre da direita para a esquerda, a partir do ponto que se começa a traçá-la, e este se situa na parte superior, seguindo as linhas do caderno;

3. Iniciado o círculo, até fechá-lo, a ponta da caneta não é mais suspensa, enquanto não retornar ao ponto de onde partiu. A seguir completa as partes dos traços que ainda faltam com movimentos de impulsos que, normalmente vêm vindo de cima para baixo, de acordo com cada formato de letra, sendo que estas letras são as minúsculas a, d, g, o, q e aquelas que envolvem semicírculos - c e e;

4. Observe-se que, na escrita cursiva, as letras minúsculas: a, c, e, i, m, n, o, r, s, u, v, w, e x correspondem a uma altura e largura que se denomina de corpo de letra, destas, excetuando p, r e s, cuja cabeça deve aparecer acima de seu corpo, mal ultrapassando a linha;

5. As letras b, f, g, h, j, k, l, y e z devem subir ou descer em relação às pequenas, mais um corpo ou corpo e meio a dois;

6. As hastes das letras d, p, q e t devem subir ou descer não mais que um corpo;

7. As letras maiúsculas têm as mesmas alturas e o dobro das larguras das letras de laços<sup>6</sup>;

Saiba-se, porém, que as informações passadas acima se referem à escrita cursiva ou inglesa.

Entretanto, já ao se utilizar o tipo *escripti*, convém habituar as crianças a seguir os formatos padrões e convencionais universais, respeitando, entretanto, seu formato que, embora próximo, é diferente da letra cursiva. Não se cuidando disso, surgem problemas de escritas de legibilidade difícil.

Embora o que vai se notar agora não faça bem parte do propósito deste escrito, lembramos que ao alfabetizar convém ainda ter presente que:

1. Existem muitas confusões de sons semelhantes e suas grafias diferentes na língua vernácula; com relação a isso, não há outra explicação a dar às crianças, a não ser informá-las que cada palavra tem sua história e que, para quem sabe ler, com o tempo, saberá escrever cada uma com sua devida grafia e que, desde já, devem aprender a lidar com tais particularidades;

2. É muito útil que cada escola coloque em quadro (tabelas), à vista das crianças e de outras pessoas que entram nas salas de aula de educação infantil ou de primeiro ao quarto ano do ensino fundamental, modelos dos traçados de todas as letras (maiúsculas e minúsculas);

3. É importante saber também como segurar a caneta para evitar o cansaço da mão. Sempre que se escreve deve-se segurar a caneta com o dedo médio e polegar. O indicador não tem como função principal segurá-la, mas cabe-lhe especialmente

<sup>6</sup> No apêndice é apresentado o formato padrão (aproximado) da letra cursiva inglesa, sendo que, na prática não há necessidade de se seguir a rigor todos os seus detalhes, contanto que haja uma boa proximidade, a fim de favorecer a legibilidade. Todo manuscrito deve ser traçado de modo que todos os alfabetizados consigam lê-lo.

o papel de ajudar a conduzir os movimentos. Os três dedos, quando escrevem devem permanecer quase retos (nunca permitindo que o indicador e médio formem ângulos próximos de 90% na dobra da falange).

4. Finalmente, quando se escreve, somente os três dedos que tocam a caneta movimentam-se, nunca o punho todo. A mão esquerda (ou aquela que não está escrevendo) ajuda a segurar o papel ou caderno. O braço da mão que escreve deve ficar apoiado sobre a mesa e não a mão, pois esta deve ficar bem livre, sem se apoiar, a não ser com os dedos anular e mínimo. Estes roçam de leve sobre o

papel, enquanto se escreve. O fato de saber segurar corretamente a caneta reduz de muito o cansaço da mão e aumenta muito a velocidade da escrita. Vale a pena habituar as crianças a isso.

Ao finalizar esta leitura, talvez haja quem observe que ela esteja recordando coisas que eram do passado. Entretanto, é importante lembrar que há saberes do passado que não podem ficar perdidos ou entrar no esquecimento, por ser ainda altamente vantajoso mantê-los e utilizá-los. Seguindo o que foi orientado, quanto cansaço a menos e quanta economia de tempo se possibilitará para quem deve utilizar e/ou ensinar práticas com letra manuscrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, H. **Sobre la revolución**. Madrid: Alianza, 1988.

AUSEBEL, D. P.; NOVAH, J. D.; HANESIAN, H. **Educational psychology**. 2 ed. Nova York: Holt, Rinehasrt and Winston, 1978.

DE LENVAL, H. Lubienska. **A educação do homem consciente**. 2. ed., São Paulo: Editora Flamboyant, 1958.

FALKENBACH, Atos Prinz. **A educação física na escola: uma experiência como professor**. Lajeado: UNIVATES, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MACINTYRE, A. **Trás la virtud**. Barcelona: Crítica, 1987.

RICOEUR, P. **Tiempo y narración**. v. 3, Madrid: Taurus, 1996.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed., São Paulo: Autêntica, 2005.

ZORZI, Jaime. **Prática pedagógica**. In: Congresso Internacional sobre Formação de Professores e Pedagógica, 2., 2006, Porto Alegre, 02 set./2006. Palestrante.

## APÊNDICE

### Fontes recomendadas

Fonte:

Century Gothic

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Fonte:

MankSans

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

### Caligrafia inglesa

a b c d e f g h i j k l m n o p q  
r s t u v w x y z

A B C D E F G H I J K

L M N O P Q R T U V

W X Y Z

